



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

JAQUELINE VIEIRA DE ANDRADE

**A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

CAJAZEIRAS - PB

2009

JAQUELINE VIEIRA DE ANDRADE

**A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Plena em Pedagogia do
Centro de Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.**

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2009



A553r	<p>Andrade, Jaqueline Vieira de. A relação professor - aluno no processo de ensino - aprendizagem / Jaqueline Vieira de Andrade.- Cajazeiras, 2009. 54f.: il.</p> <p>Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009. Contém Bibliografia. Não disponível em CD.</p> <p>1. Relação - professor - aluno. 2. Psicologia da educação. 3. Processo - ensino - aprendizagem. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título</p> <p>CDU 37.064.2</p>
-------	--

JAQUELINE VIEIRA DE ANDRADE

**A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM**

Monografia aprovada em 20, fevereiro de 2009.

Maria Janete de Lima

Profª. Ms. Maria Janete de Lima

CAJAZEIRAS – PB

2009

EPIGRAFE

"... Meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências."

(Paulo Freire)

DEDICATÓRIA

A toda a minha família, em especial aos meus pais, que com muito amor, carinho e dedicação contribuíram para que esse meu sonho se tornasse realidade.

AGRADECIMENTOS:

A Deus, primeiramente, por ter me encorajado nesse longo percurso da minha formação profissional a qual adquiri através do Curso de Pedagogia do CFP em Cajazeiras.

Aos meus pais, Benedito e Jerucina, que com muito amor e dedicação esforçaram-se ao máximo para que eu pudesse concluir a minha jornada nesse Curso.

Aos meus irmãos, Jean e Jouciane, que também contribuíram de forma positiva nesse processo.

Ao meu namorado, Damião, pela sua compreensão e força dada para que eu pudesse seguir em frente.

Aos meus tios, José Manoel e Rita, e aos meus primos, Terezinha e Paulo, os quais com muito carinho me acolheram em sua casa proporcionando-me a oportunidade de estudar, tornando-se a minha segunda família.

A todos os professores do curso com os quais pude aprender bastante, levando seus ensinamentos durante toda a vida.

A todos os meus colegas, em especial a Magna e a Valéria, que se fizeram companheiros de “caminhada” durante o Curso.

Enfim, a todas as pessoas que de certa forma contribuíram para que eu pudesse concluir meu Curso.

RESUMO

O referido trabalho objetivou analisar e esclarecer a relação professor-aluno e a sua influência no processo de ensino-aprendizagem já que este é um tema de grande relevância na formação do pedagogo. Tratou-se desde o método educativo dos Jesuítas até os dias atuais, dentre estes estão o método construtivismo e a práxis educativa, os quais devem ser as bases pedagógicas de todo docente. Além disso, retratou-se dos fatores psicológicos e sociológicos sendo estes grandes influenciadores no processo de ensino-aprendizagem, além dos fatores tecnológicos aos quais o educador deve aliar-se como busca de inovação pedagógica, a fim de desenvolver uma melhor aprendizagem e formar cidadãos mais conscientes para atuarem na sociedade.

Palavras-chaves: Professor, Aluno, Ensino, Aprendizagem, Processo.

SUMÁRIO

Introdução	09
Capítulo I – O Contexto Histórico e o Processo de Ensino-Aprendizagem	11
1.1 Contexto histórico e as abordagens do ensino-aprendizagem	11
1.2 O papel do professor no processo de ensino-aprendizagem	13
1.3 O método construtivista e a práxis educativa	18
Capítulo II – Fatores que Influenciam no Processo de Ensino-Aprendizagem	23
2.1 Fatores psicológicos e sociológicos	23
2.2 Fatores tecnológicos	29
Capítulo III – Recursos Metodológicos e Análise dos Dados	31
3.1 Metodologia da pesquisa	31
3.2 Caracterização da escola	32
Análise dos dados	32
3.3 Análise dos questionários aplicados aos gestores	33
3.4 Análise dos dados aplicados aos professores	35
3.5 Análise dos questionários aplicados aos alunos	39
3.6 Análise do estágio	42
Considerações Finais	44
Referências	46
Anexos	

INTRODUÇÃO

Esse trabalho abordará o seguinte tema: “A relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem”, o qual sua escolha surgiu a partir de estudos realizados sobre os mesmos em algumas disciplinas como didática, psicologia, filosofia, entre outras do Curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da cidade de Cajazeiras.

Tomando por base esses estudos, podemos observar a importância que a relação entre o professor e o aluno tem no processo de ensino e de aprendizagem, pois se esse contato não for proveitoso e adequado para que haja uma práxis educativa, o desenvolvimento escolar, social e cultural do aluno não será vantajoso.

O estudo deste tema tem por objetivo geral analisar a relação professor-aluno e sua influência no processo de ensino-aprendizagem e especificamente procura caracterizar os elementos que influenciam nessa relação dentro de tal processo, identificando as vantagens e compreendendo as influências destas exercidas entre o professor e o aluno no processo de ensino-aprendizagem.

Desse modo, o trabalho se fundamentará na análise da prática pedagógica através da relação entre o professor e o aluno no processo de ensino-aprendizagem e no esclarecimento de como deve ser essa relação em sala de aula e através da aplicação de questionários com os gestores e co-gestores, professores e alunos do 3º ano do ensino fundamental da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Vitória Bezerra na cidade Cajazeiras. Além da utilização de algumas referências bibliográficas de livros que retratam o tema proposto para a realização deste estudo.

Logo, a análise desse tema trará uma importante contribuição para a nossa formação pessoal e profissional enquanto pedagogos (as), pois através deste buscaremos descobrir os problemas que influenciam na aprendizagem do aluno para que através da nossa prática pedagógica, possamos tentar solucionar essas dificuldades proporcionando a este uma melhor aprendizagem.

O tema trabalhado foi subdividido em dois capítulos sendo estes: Capítulo I – O contexto histórico e o processo de ensino-aprendizagem e Capítulo II – Fatores que influenciam no processo de ensino-aprendizagem.

O capítulo I faz um breve histórico sobre o processo de ensino-aprendizagem e as abordagens deste utilizadas em algumas décadas desde o método educativo dos Jesuítas até os dias atuais. Além disso, aborda como é, e como deveria ser a atuação do professor nesse processo. O último tópico deste capítulo ficou dedicado ao método construtivista e a práxis educativa, as quais devem ser as bases pedagógicas de todo docente.

Esse capítulo fundamentou-se em autores como Veiga (1991), Gadotti (1998) e (2000), Freire (1996), Mizukami (1986), Libâneo (1994), Demo (2004), Lopes (1991), Perrenoud (2000), Kullok (2002), Oliveira (1997), Scoz (1994), Morales (2001) e Cunha (1981).

O capítulo II retrata as influências que os fatores psicológicos e sociológicos têm no processo de ensino-aprendizagem esclarecendo como identificar estes e qual deve ser a atitude do docente frente aos mesmos durante o processo de ensino-aprendizagem para que deste modo possa ajudar os educandos a superá-los e obter uma aprendizagem mais satisfatória.

Esse capítulo enfoca ainda alguns fatores tecnológicos, os quais vêm influenciando cada vez mais o campo educacional. Logo, o educador deverá está sempre se atualizando e procurando acompanhar esses avanços tecnológicos fazendo destes seus aliados no processo de ensino-aprendizagem.

Para fundamentar esse último capítulo foram utilizados autores como: Libâneo (1994), Perrenoud (2000), Fontana (1998), Morales (2001), Romão (1995), Cunha (1991), Silva (2002), Gadotti (2000) e Lopes (1991).

Portanto, aprofundaremos nossos estudos sobre o determinado tema refletindo e analisando essa relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem procurando desvendar os problemas que surgem nessa relação, ou ainda fora dela, com o objetivo de preparar-nos para uma boa atuação, necessária para desenvolver uma melhor aprendizagem e visão crítica nos alunos enquanto cidadãos conscientes dentro da sociedade.

CAPÍTULO I - O CONTEXTO HISTÓRICO E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

1.1 Contexto Histórico e as abordagens do ensino-aprendizagem

A relação Professor x aluno no processo de ensino-aprendizagem não surgiu apenas na modernidade, mas desde os jesuítas, que por sua vez implantaram o ensino no nosso país.

O método educativo dos jesuítas era catequese para os indígenas e o *ratio studiorum* para a elite colonial. Através da catequese os jesuítas buscavam educar os índios a partir de seus princípios religiosos. Já para a elite colonial a preocupação era formação do homem humanista, universal e cristão.

Com isso, surge a pedagogia tradicional, a que tinha princípios religiosos e uma visão essencialista de homem.

De acordo com Veiga (1991):

A ação pedagógica dos jesuítas foi marcada pelas formas dogmáticas de pensamento contra o pensamento crítico. Privilegia o exercício da memória e o desenvolvimento do raciocínio dedicavam atenção ao preparo dos padres-mestres dando ênfase a formação do caráter e sua formação psicológica para o conhecimento de si mesmo e do aluno. (VEIGA, 1991. p.26)

Logo, nessa educação tradicionalista, o professor era o centro das atenções, ou seja, o que prevalecia era apenas a opinião do professor, pois tudo o que ele dizia era tido como pronto e acabado, e que os alunos tinham apenas que “absolver” aquilo que era dito pelo professor sem questionar, aceitando como verdadeiro, cabendo-lhes apenas memorizar os conteúdos expostos pelo mestre.

Com a reforma pombalina, após os jesuítas, o ensino passou às mãos de professores laicos suprimindo o ensino religioso e introduzindo aulas-régias. O ensino passa a ser responsabilidade do estado e apesar dessa laicidade mantém o ensino tradicional.

Na década de 30 surge o manifesto dos pioneiros da educação nova, conhecido também como escolanovismo, que sua concepção baseava-se em princípios democráticos. Porém, essa educação entrou em crise dando lugar a pedagogia tecnicista.

Nesse método de ensino tecnicista o que importava era a produtividade, em que havia a divisão de atividades dentro da escola, pois, quem planejava e executava a prática pedagógica não eram as mesmas pessoas. Outro fator determinante era o livro didático o qual o professor apenas obedecia sem questionar se aquilo que estava contido nele era realmente verdadeiro, apenas repassando o conteúdo para seus alunos, pois, só queriam saber se repassava o conteúdo necessário para a formação técnica do aluno sem se importarem com o conteúdo, e se o conteúdo estava relacionado ao contexto social no qual o aluno estava inserido.

Então surge a necessidade de uma nova ação pedagógica a qual se relacionasse com a realidade sócio-cultural do professor e dos alunos. Logo passa a existir a pedagogia crítica a qual seus pressupostos são contraditórios aos de todas as outras tendências de ensino e de aprendizagem.

Para Veiga (1991, p 39), de acordo com os pressupostos da pedagogia crítica “o enfoque didático é o de trabalhar no sentido de ir além dos métodos e técnicas, procurando associar escola-sociedade, teoria-prática, conteúdo-forma, técnico-político, ensino-pesquisa, professor-aluno”.

Isso que dizer que, o processo de ensino-aprendizagem é sistematizado, logo estes elementos não podem ser separados, pois um depende do outro. Para que haja uma boa aprendizagem por parte dos alunos faz-se necessário que o professor utilize um bom ensino sendo que este também aprenda ao mesmo tempo em que ensine porque com o passar do tempo ele vai renovando seus conhecimentos para trabalhar e desenvolver as habilidades específicas de cada aluno.

A relação ensino-pesquisa proporciona ao professor uma investigação dos problemas na escola através de pesquisas, buscando uma solução para tal problema influenciador nesse

processo de ensino-aprendizagem. A partir da pesquisa realizada seja ela quantitativa o professor vai analisar os dados adquiridos com a finalidade e objetivo de solucionar essas dificuldades que vão ocorrendo. O educador também utiliza essas pesquisas para que os alunos adquiram conhecimentos e um melhor aprendizado sobre determinados assuntos. Para isso, o professor precisa conhecer bem o aluno para só então, planejar qual a melhor maneira de executar essa prática entre os educandos.

Com isso, não pode faltar a relação conteúdo-forma, pois, uma determina a outra. O conteúdo determina a forma que o professor irá utilizar para ensinar o mesmo. Os conteúdos não podem ser deslocados do contexto teórico-prático, uma vez que, sem a teoria não pode existir a práxis. Caso o educador pratique e ensine os conteúdos sem teorizá-los, sem refletir sua atuação enquanto professor durante o ensino, esse processo se torna "inútil" devido ele não conseguir enxergar os problemas existentes na sua prática e na aprendizagem dos alunos. Então, o professor deve trabalhar os conteúdos que estejam envolvidos com o contexto social dos seus alunos preparando-os para enfrentarem os problemas sociais que se fazem presente no seu cotidiano, com o objetivo e a finalidade de formar uma sociedade mais democrática onde todas as pessoas, independentes de classes sociais, econômicas, culturais e etc., sejam beneficiados e que possam ter uma vida melhor, digna de seu papel enquanto cidadão.

1.2 O papel do professor no processo de ensino-aprendizagem

Antigamente o professor tinha status, era respeitado socialmente e acima de tudo tinha seu trabalho valorizado. Com a modernidade o trabalho do professor passa a ser desvalorizado fazendo com que o docente seja desrespeitado socialmente e submisso classe abastada da sociedade, quando estes trabalham em escolas particulares.

Do ponto de vista capitalista a escola é tida como uma empresa e seus alunos como clientes, logo os funcionários (professores) contratados por a empresa (escola) devem satisfazer as "necessidades" de seus clientes (alunos) da melhor maneira possível do jeito que a contratante determinar, pois visa adquirir um lucro positivo financeiramente.

Porém, os alunos pertencentes à classe média alta da população estudam apenas para conseguirem um diploma, não dando importância para aprenderem, ao que aprenderam na escola durante sua fase estudantil (se é que conseguiram aprender alguma coisa).

Esse tipo de alunado desde pequenos passa mais horas do dia no convívio com as babás e os demais empregados de sua casa devido os pais trabalharem fora de casa, então eles se acham no direito de mandar e desmandar, gritar e maltratar aquelas pessoas que trabalha em sua casa. Quando essas crianças chegam à escola, geralmente particulares, acham que podem fazer com os professores o mesmo que fazem com os empregados de suas casas por acharem que estes também são seus empregados. Esses alunos são sempre rebeldes e não tem respeito com seu professor e demais pessoas que compõem a escola.

Só que não é bem assim que se deve funcionar o sistema educacional. Deve haver um respeito muito entre o aluno e o professor, pois o trabalho deste último deve ser tão valorizado quanto o de um médico, engenheiro, etc., porque se uma pessoa hoje é médica antes de chegar aí ela primeiro passou por professores capacitados que de certa forma, são responsáveis pelo o sucesso já que contribuíram para sua formação não só profissional, mas também pessoal enquanto cidadão.

Jamais o professor devera mudar sua personalidade, senso de humor, em benefício do aprendizado do aluno. O que de fato deve mudar é a atitude deste em sala de aula a qual em sala de aula precisa se renovar diariamente. Uma das maneiras encontradas para que isso aconteça é através da reflexão, pois de acordo com Freire (1996.p.39) é pensando criticamente a pratica de hoje e de ontem que se pode melhorar a próxima pratica. Só assim o professor poderá rever sua pratica em sala de aula, se realmente esta agindo de forma correta se tem algo que precisa melhorar, o que precisa ser melhorado é o que ele poderá fazer para solucionar tal situação porque, pois "o educador é aquele que não fica indiferente, neutro, diante da realidade. Procura intervir e aprender com a realidade em processo." (GADOTTI, 1998. p.29-30 passim).

Ou seja, o professor não pode fingir que não está enxergando os problemas que interferem não só na relação professor-aluno, mas em todo o processo de ensino-aprendizagem.

O educador tem a tarefa de trabalhar os problemas que os alunos vêm enfrentando no seu dia a dia. Relacionando ao aos conteúdos os quais pretende aplicar em sala de aula. Mas para que isso ocorra faz se necessário que ele conheça bem seus alunos e que compreenda cada um deles, o ambiente em que eles vivem não só dentro da classe como também fora da escola.

Muitos alunos pertencentes à classe subalterna da escola devido a sua condição econômica e também devido a alguns problemas como, por exemplo, o fato de não terem uma família estruturada, pois que não se preocupam com os filhos, falta de comida, de carinho e afeto familiar, maus tratos físicos, não terem um lugar apropriado pra estudarem em casa. E muitas vezes desde cedo, eles se vêem obrigados a trabalharem para ajudar no sustento da família, etc.

Além desses obstáculos encontrados, outros que afetam não só algumas crianças da classe subalterna, como também as que pertencem à classe abastada, os quais podem ser de ordem física considerados de segunda ordem como à baixa visão e audição, problemas mentais e respiratórios gagueira a qual pode ser motivo de deboche entre os colegas acarretando danos psicológicos nesses alunos gãos.

Existem também outros fatores como de outro grau de distração, Hiperatividade que acabam afetando e atrasando o desenvolvimento escolar do aluno que possuem essas características, cabe a escola acompanhar esses alunos como forma de tentar amenizar essa dificuldade fazendo com que o aluno perceba que a escola esta ali para ajudá-lo a superar o seu problema e não para discriminá-lo ou excluir-lo do ambiente escolar, pois é a escola que tem que se adequar às necessidades dos alunos e não os alunos se adequarem às regras impostas pela escola.

De acordo com Libâneo (1994, p.122)

É de fundamental importância que professor estude e forme convicções próprias sobre as finalidades sociais, políticas e pedagógicas do trabalho docente, sobre o papel da matéria que leciona na formação de cidadão ativos e participantes na sociedade, sobre os melhores métodos que concorrem para uma aprendizagem sólida e duradoura por parte dos alunos. (LIBÂNEO, 1994, p.122).

Com base nas palavras do Libâneo, o que realmente precisa ocorrer é que o professor compreenda qual sua verdadeira tarefa enquanto docente que para Freire (p.1996.p.70) é de que, como professor (...) o meu papel fundamental é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador.

Nesse caso o professor exerce o papel de mediador do conhecimento para que o próprio aluno possa ser o principal responsável pela construção de uma aprendizagem satisfatória, pois os educadores devem oportunizar a autonomia dos alunos dando espaço suficiente para que eles mesmos possam ser os principais responsáveis pela sua formação enquanto cidadão. Logo, "o educador é um mediador do conhecimento diante do aluno que é o sujeito da sua própria formação". (GADOTTI, 2000.p.4).

Desse modo não existe professor ideal, o que realmente existe é um profissional inacabado que está sempre buscando renovar os seus conhecimentos através de informações que adquire através de pesquisas e da observação e do trabalho desenvolvido com seus alunos em sala de aula almejando conseguir desenvolver um aprendizado integral apesar das dificuldades que eles apresentam e que acabam influenciando não só na sua aprendizagem com também no método de ensino do professor porque através desses problemas apresentado pelo educando o educador se vê forçado a pesquisar sobre esses obstáculos para só então procurar novas técnicas de ensino e novos conteúdos que devem ser adequados de acordo com a necessidade de cada educando.

Contudo, o professor é o "eterno aprendiz" e só não será se souber pesquisar (DEMO, 2004, p.81), ou seja, é através da pesquisa que o professor poderá descobrir quais principais problemas que afetam seus alunos e refletir sobre estes a fim de encontrar a solução mais eficaz para desenvolver uma aprendizagem satisfatória em seus alunos.

Logo, nossa tarefa enquanto profissionais do ensino é buscar ajudar esses alunos proporcionando um aprendizado digno de atuar como um cidadão consciente dentro da sociedade. Sem esquecermos das sábias palavras de Freire (1996.p.47) quando nos diz o seguinte, “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades pra a sua própria produção ou sua construção.”, ou seja, não devemos, jamais, ser apenas meros transmissores de conhecimento, mas temos que dar oportunidades, espaço para que o próprio aluno possa construir e ser o principal responsável por sua formação e atuação dentro da sociedade.

Um bom início para conseguir isso é considerar o conhecimento prévio do aluno como o ponto de partida para esse aprendizado. A partir desse conceito o qual o aluno já traz pré-estabelecido consigo é que o professor começará realmente a desempenhar seu trabalho com o alunado.

Para que haja um bom processo de ensino aprendizagem, faz necessário que antes de qualquer coisa haja uma boa relação entre o aluno e o professor já que o professor influi no aluno e vice-versa, formando o seguinte tipo de relação: professor -- aluno - professor.

De acordo com Mizukami (1986. p.99) “Para que o processo educacional seja real é necessário que o educador se torne educado e educando por sua vez, educador. Quando esta relação não se efetiva, não há educação”.

Ao mesmo tempo em que o professor vai ensinando, ele também vai aprendendo com os alunos, ou seja, não só os alunos aprendem com seus professores, mas ensinam a este mesmo que seja de forma indireta, não intencional.

Para reforçar essa idéia Freire (1996. p.23) afirma que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Isso implica dizer que à medida que o professor vai conduzindo seus alunos à construção do conhecimento, ele também vai aprendendo a desenvolver novas praticas novos métodos de ensino de acordo com as necessidades que cada um de seus alunos vai apresentando no decorrer do processo de aprendizagem.

1.3 O método construtivista e a práxis educativa

Para ter êxito no seu trabalho o educador deverá usar o método construtivista e combater o tradicional e o autoritarismo em sala de aula. Assim a sala se tornara um ambiente mais agradável em que os alunos se sintam livres para aprender. Porém, o comportamento do professor e a estrutura da sala contribuem para essa formação do educando enquanto cidadão e não só os conteúdos é que irão determinar o aprendizado do aluno, mas o tipo de relação que se estabelece com este.

A estrutura e o ambiente da sala de aula precisam ser bem dinâmicos e inovadores e que instiguem a curiosidade dos alunos fazendo com que estes possam participar da aula sem terem medo de errar, pois é através dos erros que os alunos irão construir os conhecimentos necessários para sua formação.

Um tipo de aprendizado que permite os alunos aprender com seus erros é o aprendizado por descobertas, no qual o aluno não busca descobrir novos conhecimentos através de tentativas lógicas explorando conteúdo da melhor maneira possível através da reflexão a qual deve ser fundamentada nesses conteúdos que irão ser desenvolvidos na sala pelo professor.

Para que isso ocorra o professor deve “estimular os alunos a levantar problemas e identificar as respectivas alternativas de solução é uma atitude docente transformadora, pois esse tipo de exercício conjunto na sala de aula leva elaboração e produção de conhecimento.” (LOPES, 1991.p.43).

Complementando esse raciocínio, Perrenoud (2000), coloca que:

Deparar-se com o obstáculo é em primeiro momento, enfrentar o vazio, a ausência de qualquer solução, até mesmo de qualquer pista ou método, sendo levado à impressão de que jamais se conseguirá alcançar soluções. Se ocorre a devolução do problema, ou seja, se alunos apropriam-se dele, sua mente põe-

se em movimento, constrói hipóteses, procede à exploração, propõe tentativas “para ver”. (PERRENOUD, 2006. p. 31).

O professor precisa problematizar o conteúdo que ira trabalhar em sala de aula e transforma sua aula uma dialógica em que haja não só sua opinião, mas que também haja a participação dos alunos e que estes possam opinar, questionar sobre o conteúdo o qual esta sendo desenvolvido durante a aula.

Tem que acontecer o dialogo entre o professor e o aluno como forma de combater o conservadorismo e o instrucionismo os quais a pedagogia tradicional implantou nas escolas onde o professor manda e os alunos obedecem, o professor fala e os alunos escutam, o professor é o ser ativo e os alunos seres passivos, o professor transmite conhecimentos e os alunos recebem e memorizam mecanicamente como se fossem um “gravador”. O que deve existir de fato nas escolas é uma pedagogia voltada para a práxis educativa.

Para que isso aconteça faz-se necessário que o professor relacione a sua pratica a uma teoria, pois sem esta, a sua pratica educativa não se tem sentido algum porque se o professor não teoriza sua pratica se não faz uma relação entre estas, ele jamais conseguira enxerga os problemas que afetam o processo de ensino-aprendizagem além da realidade.

Afim de um bom desempenho da relação professor-aluno e do processo de ensino aprendizagem, o professor como mediador do conhecimento tem a tarefa ensinar a seus alunos refletirem não só sobre os conteúdos que irão estudar na escola como também sobre os problemas com os quais eles convivem no seu cotidiano, pois “ não basta aprender a conhecer. É preciso aprender a pensar a realidade e não apenas “pensar pensamentos”, pensar o já dito, o já feito, reproduzir o pensamento. É preciso pensar também o novo, reinventar o pensar, pensar e reinventar o futuro.”. (DELORS apud GADOTTI, 2000. p. 04).

Assim sendo, “... ensinar é desvendar um mundo novo, oculto, para aquele que busca aprender e assim, a aprendizagem é o processo através do qual o sujeito se apropria ativamente do contexto existente.” (KULLOK, 2002. p.11.).

Logo “o empenho do professor estar em estimular o raciocínio dos alunos instiga-los a emitir opiniões próprias sobre o que aprenderam, faze-los ligar os conteúdos a coisas ou eventos do cotidiano.” (LIBÂNEO, 1994.p.182). Ou seja, os alunos necessitam desenvolver essa reflexão critica e aprenderem a exporem suas próprias opiniões contribuindo para que a aula se torne mais eficaz e criativa, necessário e útil para a formação digna de um cidadão critico e consciente da realidade a qual estão inseridos.

Segundo Libâneo (1994, p.253), “a aprendizagem não é uma atividade que nasce espontaneamente dos alunos.” Isso quer dizer que, não só o aluno é o responsável pelo processo de aprendizagem, mas que o professor é o principal responsável para que isso ocorra. Esclarecendo melhor essa questão, Oliveira (1997), diz o seguinte:

Logo, para que efeitos indesejáveis não aconteçam, para que ocorra a aprendizagem ou para que o aluno se desenvolva enquanto pessoa ou aprendiz, ensinar implica planejar e controlar, ou facilitar ou oportunizar a aprendizagem e o desenvolvimento. (OLIVEIRA, 1997. p. 142).

Diante do que foi exposto por Oliveira (1997, p.142) na citação acima, o professor é quem é o facilitador do processo de aprendizagem. Porém, para que esta ocorra de forma satisfatória, o professor deverá planejar cuidadosamente sua aula a qual deve contribuir para a formação pessoal de seu aluno enquanto cidadão.

Logo, de acordo com Scoz (1994).

Se entendermos a aprendizagem como um processo profundamente social, que deve focalizar formas emergentes de aprender, então não se trata mais de propor uma instrução programada, muitas vezes mecanizada e restrita apenas às dificuldades. Trata-se, sim, de apostar nas capacidades das crianças, propondo um tipo de trabalho que considere mais suas qualidades do que seus defeitos. (SCOZ, 1994. p.28).

Enfim, para que o processo de aprendizagem seja proveitoso não basta apenas os professores buscarem “corrigir os defeitos” dos alunos como uma espécie de recompensa para “correr atrás do prejuizo”, mas este deverá trabalhar a partir das habilidades que cada um de seus alunos possui, ou seja, fazer um investimento para depois receber a gratificação necessária no processo de ensino-aprendizagem.

Logo, “a dedicação do aluno influi muito sobre as condutas do professor.” (Morales, 2001.p.63), e “ a conduta do professor influi sobre a motivação e a dedicação do aluno ao aprendizado.” (Ibid, p.80).

Dependendo do comportamento do aluno é que o professor planejará sua aula que, por sua vez, influenciará para o aprendizado do aluno. Assim sendo, “não é o professor que influencia os alunos, mas estes, por sua vez, influem no professor, criando-se um círculo que não deveria ser vicioso, mas que potencializador de uma boa relação e de um bom aprendizado.” (Ibidem, p.59).

Mizukami (1986, p.99) reforça essa questão quando relata que “o professor procurara criar condições para que, juntamente com os alunos a consciência ingênua seja superada e que estes possam perceber as contradições da sociedade e grupos em que vivem.”.

Enfim os professores devem contribuir para o aprendizado e a formação dos cidadãos fazendo com que estes enxerguem e “atuem” para tentar solucionar os problemas existentes no seu cotidiano fazendo com que eles não apenas faça algo, mas com que eles compreendem o que fizeram e porque fizeram e qual o resultado do que fez. Isso levará o aluno a elaborar seus conceitos sobre algumas coisas da sua realidade.

Complementando essa questão Libâneo (1994) diz que:

Pensar criticamente e ensinar a pensar criticamente é estudar cientificamente a realidade, isto é sob o ponto de vista histórico, aprendendo a realidade natural e social na sua transformação um objeto de conhecimento pela atuação humana passada e presente incluindo a atividade própria do aluno de elaboração desses objetos de conhecimento. (LIBÂNEO, 1994, p. 138).

Ou seja, o professor deve ensinar o aluno a refletir criticamente para que desse modo ela possa transformar os conhecimentos que já possui e utilizá-los de forma adequada na sua atuação enquanto cidadão.

Porém, não é só o aluno que deverá aprender a pensar criticamente, mas também o professor, pois ele deve estar sempre pensando sua prática, analisando-a para que desta

forma, possa descobrir se esta está de forma adequada às necessidades que cada um de seus alunos apresentam. Caso não estejam suprindo as carências dos educandos terá que modificá-la e adequá-la para que assim, possa ocorrer um processo de aprendizagem mais satisfatório.

Além da reflexão, ou fator determinante para uma relação dialógica em sala de aula é curiosidade porque de acordo com Freire (1996).

O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles do professor e dos alunos é dialógica, aberta, curiosa indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e aluno se assumam epistemologicamente curiosos. (FREIRE, 1996. p.86).

Mas para que isso ocorra, antes de tudo é necessário que o professor tenha uma visão crítica do seu cotidiano fora da escola para só então engajar seus alunos no processo de reflexão, conscientização e ação na realidade a qual estão inseridos.

Para Cunha (1981, p.150).

Os professores vivem num ambiente complexo onde participam de muitas interações sociais por dia. São eles também frutos da realidade cotidiana da escola e muitas vezes, são incapazes de fornecer uma visão crítica aos alunos, porque eles mesmos não a têm, porque se debatem no espaço de ajustar seu papel à realidade imediata da escola perdendo a dimensão social mais ampla da sociedade. (CUNHA, 1981. p. 150).

Cada um dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizado precisa está consciente de seus papéis em sala de aula, porém um contribui para a atuação do outro. Logo não só o aluno deve saber ouvir o professor como o professor também deve saber ouvir o aluno e dar espaço adequado para que esse se desenvolva durante sua formação.

CAPÍTULO II - FATORES QUE INFLUENCIAM NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

2.1 Fatores Psicológicos e sociológicos

Existem vários fatores que podem influenciar no processo de aprendizagem, dentre eles estão os fatores afetivos, a motivação (a qual já foi comentada anteriormente a idade, o sexo e os fatores sociais, a memória e os hábitos de estudo). Os fatores afetivos podem ser a ansiedade, a auto opinião a extroversão e a introversão.

A motivação também é fundamental para o desenvolvimento do educando. Existem dois tipos de motivação: A intrínseca e a extrínseca. A intrínseca é aquela em que o professor deve satisfazer as curiosidades dos alunos, procurando relaciona-los com os conteúdos trabalhados. A extrínseca é a motivação que o educador proporciona através de notas, boletins e testes. Se o aluno tem bons resultados, logo isso irá motivá-lo para continuar estudando as matérias trabalhadas pelo professor. Porém, se eles não obtêm bons resultados, ficam desmotivados a estudarem e, conseqüentemente, e aprenderem.

Cabe ao professor devolver essa motivação aos alunos procurando descobrir qual o motivo do mau desempenho do aluno e conseqüentemente através de sua pratica, contribuir para que esse quadro de reverta. Porqum segundo Libâneo (1994),

O processo de ensino tem um aspecto externo (os conteúdos de ensino) e um aspecto interno (as novas condições mentais e físicas dos alunos para assimilação dos conteúdos) que se relacionam naturalmente de um lado há a matéria a ser ensinada de forma assimilável pelo o aluno, de outro há um aluno a ser "preparado" para assimilar a matéria, partindo das suas disposições internas. (LIBÂNEO, 1994, p. 160).

Isso quer dizer que o aprendizado não depende apenas dos conteúdos que irão ser ensinados, mas também das condições mentais, psicológicas em que o aluno se encontra.

Cada aluno tem uma maneira e um tempo diferente para aprender, dependendo de suas disposições internas e externas. Internas com relação a fatores psíquicos e externas relacionadas ao meio em que vivem.

Perrenoud (2000), nos esclarece melhor essa questão quando diz que:

Cada um vivencia a aula em função de seu humor e de sua disponibilidade, do que ouve e compreende, conforme seus recursos intelectuais, sua capacidade de concentração, o que interessa, faz sentido para ele, relaciona-se com outros saberes ou com realidade que lhe são familiares ou que conseguem imaginar.”. (PERRENOUD, 2000, p. 24).

Para que o educando aprenda, faz-se necessário que o professor ensine conteúdos relacionando-os à realidade de seus alunos. Desse modo, despertará o interesse e a curiosidade destes, levando-os a uma construção de conhecimentos e uma compreensão crítica de seu papel de cidadão na sociedade. Logo,

A competência requerida hoje em dia é o domínio dos conteúdos com suficiente fluência e distância para construí-los em situações abertas e tarefas complexas, aproveitando ocasiões, partindo dos interesses dos alunos, explorando os conhecimentos, em suma, favorecendo a apropriação ativa e a transferência dos saberes, sem passar necessariamente por sua exposição metódica, na ordem prescrita por um sumário. (Ibid.p. 27).

O professor deve levar em consideração o conhecimento prévio do aluno para que a partir dele possa trabalhar conteúdos que vão de encontro à vida dos educandos fora da escola, não se detendo em ensinar somente o que é proposto pelo livro didático, que na maioria das vezes, não trazem conteúdos ligados à realidade dos educandos. Desse modo, estes ficam desmotivados a estudar e a aprender o que o professor ensina, já que ele segue apenas o livro didático.

A ansiedade quando em baixo nível ela pode ser benéfica ao aluno, pois desperta o interesse dos mesmos pelos estudos. Porém quando esta de forma exagerada, ela só vem a prejudicar nesse processo porque os alunos têm medo de fracassar diante de seus colegas, o que poderá gerar um constrangimento enorme para a criança caso ele não tenha um bom desempenho no testes e exames realizados pelo professor.

O nível de ansiedade também está vinculado à relação entre o professor e o aluno. Se esta for agradável e amigável interativa logo essa ansiedade será menor contribuindo para um bom processo de aprendizagem. Porém se for uma relação considerada difícil entre os integrantes desta, o nível de ansiedade do aluno tende a aumentar causando frustrações para o aluno e conseqüentemente um péssimo rendimento da aprendizagem.

A auto opinião refere-se a auto-estima do aluno, esta também contribui para aprendizagem do educando, pois se tem constatado que aqueles que têm sua auto-estima mais elevada têm melhor rendimento do que os que têm uma baixa auto-estima. Essa auto-estima pode ser adquirida através do incentivo, atenção, valorização que se dá ao aluno. Se este não chega à sala de aula com a sua auto-estima em um grau adequado para que ocorra um aprendizado satisfatório, cabe ao professor proporcionar isso ao aluno, porém sem confundir seu papel de professor com o papel de pai, mãe, tio ou tia, porque antes de qualquer coisa, ele é um profissional e não simplesmente um parente do aluno.

Fontana (1998) relata que:

(...) o professor pode ajudar a proporcionar as crianças confiança em suas habilidades dando-lhe oportunidades de sucesso, incentivando-os em vez de censurá-los quando ocorre algum fracasso e demonstrando crença pessoal na competência delas. (FONTANA, 1998, p. 162).

Isso pode ser feito, por exemplo, dando-lhe a atenção necessária elogiando de forma não exagerada, incentivando-lhe e dando oportunidades para que também participe das aulas como seus colegas, pois “é preciso dar tempo para o aluno pensar na resposta, saber esperar... pelo menos alguns segundos antes de fazer outra pergunta ou perguntar a outro aluno. O aluno precisa sentir-se respeitado.” (MORALES, 2001, p.118).

Contudo, para que a relação professor-aluno seja agradável e o processo de ensino-aprendizagem mais satisfatório faz-se necessário que não só o aluno se sinta respeitado, mas também o professor. Porém, “... o respeito dos alunos é conquistado quando o professor substitui o temor e a ansiedade por estímulos positivos, como o reconhecimento

do valor do aluno como pessoa.” (ROMÃO, 1995, p. 229). Assim sendo, para que o professor seja respeitado é necessário que ele respeite os alunos.

Segundo Morales (2001, p.49), “A relação professor aluno na sala de aula é complexa e abraça vários aspectos, não se pode reduzi lá a uma fria relação didática nem a uma relação humana calorosa”.

Já a extroversão e a introversão contribuem para o aprendizado desde que seja respeitado o jeito de ser de cada aluno, pois o aluno extrovertido prefere assistir aula de uma forma mais dinâmica, em ambientes diferentes, ou seja, algo que não seja estruturado. Porém o introvertido prefere um ambiente mais estruturado e formal prefere ficar quietos em seus lugares “a terem de enfrentar o novo desafio, coisas incertas e desestruturadas”. Não cabe ao professor tentar homogeneizar a turma tentando fazer com que todos sejam iguais para que possam obter o mesmo desempenho em sua aprendizagem. Vale ressaltar que os introvertidos na maioria das vezes têm um aprendizado mais satisfatório do que os extrovertidos por serem pessoas mais calmas. Não convém ao professor tentar contrariá-los, pois ao invés de produzir um melhor aprendizado isso só irá atrapalhar o desempenho deste aluno.

Porém, segundo Perrenoud (2000),

É preciso ser experiente para descobrir as artimanhas dos alunos – em geral mestres na arte de parecerem ativos – mas também para saber que o silêncio concentrado não é uma garantia de aprendizagem. Acontece de alunos que conversam aprenderem melhor do que aqueles considerados modelos. Um professor experiente sabe que as atividades que cria, por mais bem concebidas e preparadas que sejam nem sempre dão os resultados esperados. O professor propõe, os alunos dispõem. (PERRENOUD, 2000, p.50).

O educador deve respeitar a personalidade de cada um de seus alunos e procura trabalhar de acordo com estas.

Cunha (1991) complementa essa questão afirmando que:

Um professor que acredita nas potencialidades do seu aluno, que estar preocupado com sua aprendizagem e com seu nível de satisfação, exerce

práticas de sala de aula de acordo com essa posição. E isto é também relação professor-aluno. (CUNHA, 1991 p. 147).

As necessidades dos alunos variam de acordo com a idade destes. Logo o professor deve adequar os conteúdos de acordo com a idade de seus alunos, não trabalhando, desta forma o que não se encaixa na faixa etária a qual eles estão incluídos.

Fatores relacionados ao sexo também influenciam no processo de aprendizagem. Devido a isso o professor jamais deveria fazer qualquer tipo de discriminação em sala de aula dizendo, por exemplo, que determinada coisa só pode ser feita por meninos e outras por meninas, ou qualquer outro tipo de preconceito que poderá atrapalhar no desenvolvimento do aluno não só na aprendizagem, como também na sua formação cidadã dentro da sociedade, aí também se incluem outros fatores de ordem social como racismo.

A memória, por sua vez contribui bastante para o aprendizado do aluno. Vale ressaltar que isso não é uma defesa a pedagogia tradicionalista, mas uma crítica porque o que de fato se defende atualmente é uma pedagogia crítica e inovadora.

Para que a memória seja uma contribuinte para o aprendizado do aluno é necessário que se utilizem algumas estratégias que são benéficas a esse processo. São elas: a pausa, a repetição, a fragmentação, a relevância e a interação, duração de atenção, uso prático, o significado, o aprendizado repetido, a associação, a apresentação visual, o reconhecimento e recordação.

É necessário que haja um tempo disponível para que o aluno possa exercitar sua memória através da repetição do conteúdo e de perguntas feitas sobre este. Porém, isso deve ocorrer dividindo o conteúdo a ser assimilado pelo aluno em partes porque é mais fácil aprender pouca coisa do que muitas de uma vez só.

Esses conteúdos trabalhados devem ter algum significado para os alunos, pois só assim poderá prender a atenção destes por um tempo maior. Isso pode ser realizado através do material concreto sendo que estes façam parte do cotidiano dos alunos ao mesmo tempo

em que este seja interessante e inovador para a criança acarretando desta forma um aprendizado mais satisfatório e interativo.

Esse processo não pode ocorrer apenas por uma vez porque desse modo os alunos esquecerão todo o conteúdo que aprenderam. Para fixá-lo melhor na sua memória, o professor precisa repetir essa metodologia de ensino mais de uma vez.

Depois de realizado todo esse processo o aluno deve ser capaz de reconhecer e recordar o conteúdo o qual foi trabalhado em sala de aula. Porém há dois tipos de interferência que pode prejudicar o aprendizado do aluno. São elas: a interferência retroativa e a proativa.

A interferência retroativa é aquela que ocorre quando um conhecimento recente, o qual a pessoa adquiriu "bloqueia" outro conhecimento mais antigo que a pessoa já tenha construído na sua memória.

Já com a interferência proativa acontece o contrário da retroativa, pois ela acontece quando um conhecimento recente bloqueia a recordação de conhecimentos mais antigos.

Cabe aos alunos então, juntamente com a ajuda do professor, trinar a memória. Para isso poderá ser utilizado desde atividades mais simples como, por exemplo, amarrar o cadarço de um sapato até memorizar toda a letra de uma música ou ainda a realização de peças teatrais que os alunos assumiram papéis de personagens tendo como tarefa memorizar a fala as quais deverão utilizar na apresentação da peça teatral, etc.

Porém, para uma aprendizagem mais satisfatória, os alunos precisam estabelecer hábitos de estudo, que podem ser determinando horas de estudos sempre o cumprindo com muita pontualidade. Podem-se utilizar também recompensas em que o próprio aluno estabelece as formas de incentivar seus estudos.

A aprendizagem do conteúdo precisa ser total e não apenas parcial. O material também deve está bem organizado porque isso facilitará a aprendizagem.

Ao final o aluno deve fazer uma revisão de todo o conteúdo estudado para verificar se realmente aprendeu o que foi determinado para seu estudo.

Todavia, o profissional do ensino não deve ter como papel apenas ensinar conteúdos a seus alunos porque, "... o professor deve está, antes de tudo comprometido com a educação com o conhecimento, de forma a contribuir com a formação pessoal da pessoa, do desenvolvimento da sua personalidade, como participante do grupo social em que vive..." (Silva, 2002. p. 71).

Os professores têm o papel de formar o aluno por completo, não só para aprender conteúdos, mas para atuarem enquanto cidadão na sociedade.

2.2 Fatores tecnológicos

Atualmente, a crescente globalização, as novas tecnologias vêm ganhando um grande espaço dentro da sociedade. Com isso elas passaram a ser companheira da educação como um suporte para o processo de ensino-aprendizagem. Diante disso, "a escola não pode ficar a reboque das inovações tecnológicas. Ela precisa ser o centro de inovação." (GADOTTI, 2000. p. 03). Uma vez que, o papel desta é formar o cidadão para atuar na sociedade, a qual vem exigindo que as pessoas estejam mais preparadas e informatizadas tecnologicamente.

Para Perrenoud (2000. p. 139), "trata-se de passar de uma escola centrada não no aluno, mas nas aprendizagens. O ofício do professor redefine-se: mais do que ensinar, trata-se de fazer aprender.". Ou seja, a escola deve voltar-se para proporcionar diversos tipos de aprendizagens aos alunos e fazer com que estes aprendam não tendo assim, apenas o papel de ensinar, independente de, se eles estão aprendendo ou não, mas que tenham a certeza de que as aprendizagens disponibilizadas pela instituição foram aprendidas pelos alunos. Logo,

As novas tecnologias podem reforçar a contribuição dos trabalhos pedagógicos e didáticos contemporâneos, pois permitem que sejam criadas situações de aprendizagens ricas, complexas, diversificadas, por meio de uma

divisão de trabalho que se faz mais com que todo investimento repouse sobre o professor, uma vez que tanto a informação quanto a dimensão interativa são assumidas pelos produtores dos conhecimentos. (Ibid.p. 139).

Porém, essas situações de aprendizagem são criadas quando, “o professor criativo, de espírito transformador, está sempre buscando inovar sua prática e um dos caminhos para tal fim seria dinamizar as atividades desenvolvidas em sala de aula.” (LOPES, 1991. p.35).

O educador deve está sempre renovando sua prática para que esta não se torne ultrapassada e ele acabe ficando a “reboque” das novas exigências educacionais nas quais também estão incluídas, além dos métodos construtivistas, o domínio das novas tecnologias e a utilização destas no processo de ensino-aprendizagem, pois estas “nos permitem acessar não apenas conhecimentos transmitidos por palavras, mas também imagens, sons, fotos, vídeos (hipermídia), etc.”. (Gadotti, 2000. p. 01). Uma vez que, “Ajudam a construir conhecimentos ou competências porque tornam acessíveis operações ou manipulação impossíveis ou muito desencorajadas se reduzidas ao lápis e o papel.”. (Perrenoud, 2000.p.133).

Desse modo, as novas tecnologias ajudam o professor na realização de seu trabalho porque “podem-se associar os instrumentos tecnológicos aos métodos ativos, uma vez que eles favorecem a exploração, a simulação, a pesquisa, o debate, a construção de estratégias e de micro mundos.”.

Porém, a escola não deve apenas está preocupada em escolher bons professores, mas também deverá investir nos novos equipamentos tecnológicos os quais servirão de suporte não só para o aprendizado dos alunos como também para um bom desenvolvimento do trabalho do professor.

Assim sendo, “a evolução da mídia, do comércio eletrônico e a generalização dos comportamentos familiares tornarão o acesso cada vez mais banal, sem que as competências requeridas se desenvolvam no mesmo ritmo. É por isso que a responsabilidade da escola está comprometida para além das escolhas individuais dos professores.” (Ibidem. p. 132).

Enfim, os professores precisam está sempre renovando sua prática, e nesta procurarão incluir o uso das novas tecnologias que não se fazem presentes apenas na escola, mas também, fora dela, e que de certa forma, vão se fazendo mais presente e indispensáveis na vida de todo o ser humanos desde os aparelhos mais simples até os mais sofisticados.

CAPÍTULO III – RECURSOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Metodologia da Pesquisa

Para a realização desse trabalho na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Vitória Bezerra utilizou-se o Estudo de Caso que para Matos (2001, p. 58) é o procedimento através do qual selecionamos um objeto de pesquisa para obter-se uma quantidade de informações sobre o caso escolhido para então aprofundar seus aspectos. (MATOS, 2001, p.58).

As informações sobre o ambiente escolar e algumas características da relação professor-aluno na sala de aula deu-se através da Observação a qual “deve ser orientada por um objetivo de pesquisa, planejada, registrada e ligada a proposições mais gerais.” (GIL, 1987 apud MATOS, 2001, p. 58).

Porém, “os registros devem ser feitos, de imediato em um caderno para não haver o risco de ao fazer anotações depois, deixar escapar dados importantes. Podem ser também usado filmagens, gravadores, máquinas fotográficas.” (Ibid. p. 59).

A partir das observações foram utilizados questionários com os gestores, os professores e os alunos para um melhor esclarecimento do caso em estudo já que “essa técnica de investigação consiste em que, sem a presença do pesquisador, o investigado responda por escrito a um formulário (com questões) entregue pessoalmente, ou enviado pelo correio.”

Logo, foram através dessas técnicas e que pode-se obter os dados utilizados nesse trabalho.

3.2 Caracterização da Escola

A instituição de ensino utilizada no estudo é a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Vitória Bezerra localizada na Avenida Francisco Matias Rolim, 587, bairro Belo Horizonte na Zona Norte da cidade de Cajazeiras na Paraíba.

Esta atende, aproximadamente, 650 alunos, estes residentes dos bairros São José, Por do Sol, Sol Nascente, Pio X, IPEP, Belo Horizonte.

Trabalham na escola cerca de 40 funcionários, incluindo gestores, coordenadores pedagógicos, professores, agentes administrativos e demais funcionários que trabalham nos outros setores da escola. Todos os gestores, os coordenadores pedagógicos e os professores têm formação em algum curso superior ou pedagógico (normal) sendo que os outros têm o ensino médio ou apenas o ensino fundamental.

A estrutura física da escola dispõe de 7 salas de aula, 5 banheiros, 1 diretoria, 1 cozinha, 1 dispensa, 2 pequenos pátios para recreação e 2 caixa d'água.

Os principais problemas enfrentados pela escola são: a repetência, a indisciplina, a falta de interesse, a violência, a falta de recursos tecnológicos e uma biblioteca.

Análise dos dados

Através da aplicação dos questionários com o gestor, o co-gestor, alguns professores da educação infantil e do primeiro segmento do ensino fundamental, e alunos do 3º ano "A", da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Vitória Bezerra, da cidade de Cajazeiras na Paraíba, podemos observar e analisar a situação em que se encontra o processo de ensino-aprendizagem e a relação professor-aluno na referida escola.

3.3 Análise dos questionários aplicados aos gestores.

O gestor da referida escola trabalha em educação há 6 anos, sendo que a sua formação é em Filosofia com pós-graduação em Filosofia Clínica.

O co-gestor, por sua vez, trabalha em educação há 4 anos e sua formação é em Licenciatura em História.

A primeira pergunta realizada para estes foi se eles achavam que o trabalho desenvolvido pelos professores daquela escola era apropriados para que ocorra um processo de ensino-aprendizagem satisfatório.

Para o gestor, o trabalho deixou muito a desejar porque a troca de professores dificultou o processo de aprendizagem dos alunos. Porém, os professores trabalham de acordo com a proposta pedagógica. Já para o co-gestor, os professores tentam adequar seu trabalho as necessidades dos seus alunos.

A segunda pergunta aplicada foi a que se referia a formação continuada dos professores que trabalham na escola, se estes têm essa formação e se conseguem relacioná-las com a sua prática. Ambos responderam que todos os professores têm essa formação e que conseguem relacioná-la a sua prática em sala de aula, apesar das dificuldades. Porém, o gestor esclareceu que essa formação acontece uma vez por semana, tanto para os gestores como para os professores sendo que a desses últimos têm como nome Pró-letramento.

A terceira questão perguntava como os professores relatam ser sua relação com os alunos e o processo de ensino-aprendizagem entre estes.

O gestor respondeu que os professores das séries iniciais não costumavam relatar muito sobre as dificuldades encontradas na sua relação com os alunos e no processo de ensino-aprendizagem ao contrário daqueles que ensinam nas turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental por trabalharem com adolescentes.

O co-gestor disse que os professores relatam relacionamento afetivo existente entre eles e os alunos, as dificuldades de trabalhar com alunos que vêm de outras escolas porque o nível de aprendizagem destes é diferente do nível dos alunos que se encontram nessa escola. Isso acaba atrasando a aprendizagem dos alunos que já estão em um nível mais avançado.

Porém, segundo Perrenoud (2000, p.58):

Um professor experiente sabe que a homogeneidade total é inacessível na falta de uma seleção prévia bastante rigorosa, mas também porque, mesmo no grupo mais selecionado, ela se recria, sem dúvida de maneira menos espetacular, desde o início do ano e no próprio decorrer da progressão do programa. Somente um professor iniciante ainda sonha ter apenas alunos igualmente aptos e motivados atirarem proveito de seu ensino. (PERRENOUD, 2000, p. 58).

O professor deve aprender a trabalhar com as diferenças de seus alunos, adequando os métodos de ensino às deficiências que cada um deles apresenta no processo de aprendizagem. Ele não pode querer que seus alunos aprendam todos ao mesmo tempo porque todos não são iguais. Logo, a heterogeneidade se fará presente sempre na sala de aula, independente de o aluno ter vindo de outra escola ou não.

Uma quarta pergunta foi feita aos gestores questionando se nas reuniões nos planejamentos realizados na escola eles discutiam sobre como deve ser essa relação entre os professores e os alunos e o processo de ensino-aprendizagem entre os mesmos.

A resposta do gestor foi breve, dizendo, apenas, que discutia, não especificando de que forma fazia isso e nem como era discutido. Já o co-gestor respondeu da seguinte forma: "a gente conversa. É como se fosse um 'puxão de orelha', sugerindo como eles devem trabalhar. Quando é um caso mais sério chamamos o professor em reservado para não expor o problema."

Por fim, pergunta-se a estes se dão alguma sugestão aos professores de como deve ser essa relação entre estes e os alunos no processo de ensino-aprendizagem.

O gestor disse que sugerem para os professores que eles trabalhem questões como o respeito e a conduta na sala de aula, temas éticos e morais, ou seja, os temas transversais. Um exemplo disso, é que no ano passado foi trabalhado o zelo pelo patrimônio. Inclusive, tinha uma regra na escola em que alunos de 1ª a 4ª séries não podiam usar corretivo. Além disso, sugeria que os professores aproveitassem o conhecimento prévio dos alunos sempre contextualizando-os aos conteúdos das disciplinas, não ficando apenas no livro didático, o grande responsável pelo comodismo de alguns professores.

O co-gestor relatou que as sugestões são dadas de forma aberta quando é algo mais simples do cotidiano e de forma reservada quando é algo mais complexo. Encerrou sua fala dizendo: “O diálogo é a bengala de todo o processo.”

Observa-se que, segundo os gestores, os professores têm formação continuada e que estes procuram aplica-las em sala de aula. Porém, não considera-se justo a regra que o gestor implantou na escola o ano passado com relação ao uso do corretivo pelos os alunos do 1º ao 5º ano, já que, geralmente, são os alunos que mais destroem o patrimônio escolar com corretivos são os adolescentes que se encontram entre o 6º e 9º ano do ensino fundamental.

3.4 Análise dos questionários aplicados aos professores.

Para a realização dessa análise foram entrevistados quatro professores que trabalham da educação infantil ao 5º ano do ensino fundamental, os quais serão representados pelas letras “X”, “Y”, “Z”, “K” para o melhor esclarecimento das idéias de cada um deles.

“X” é formada em Pedagogia com especialização em Psicopedagogia e trabalha em educação há 30 anos.

“Y” também é formada em Pedagogia e especialista em Psicopedagogia. Trabalha em educação a mais de 5 anos, não sabendo o tempo exato.

“Z” tem como formação o Magistério (Pedagógico), Licenciatura em História e é cursista de especialização em Psicopedagogia. Trabalha em educação há 8 anos.

“K” tem como formação o Pedagógico e trabalha em educação há 5 anos.

A primeira questão aplicada foi para tomarmos conhecimento de como ele (o professor) avalia sua relação com os alunos e por que avalia esta de tal forma.

“X” respondeu que avalia da melhor forma possível, procurando entender as necessidades e dificuldades dos alunos para que, desta forma, ajude a suprir a carência que cada criança apresenta.

“Z” concorda com “X” e acrescenta dizendo que há uma relação de mediação entre os alunos e o objeto de conhecimento.

Podemos reforçar essa afirmativa com as palavras de Gadotti (1998, pp.29-30) quando ele diz que “o educador é aquele que não fica indiferente, neutro, diante da realidade. Procura intervir e aprender com a realidade em processo.”.

Porém, “Y” e “K” têm a mesma visão quando afirmam que é uma relação boa, positiva porque é caracterizada pela reciprocidade, ou seja, existe uma interação entre o professor e o aluno.

Na segunda questão, os professores deveriam dizer se existem problemas que afetam na aprendizagem de seus alunos e quais seriam esses, caso existam.

“Y” e “K”, mais uma vez, têm a mesma opinião, relatando que os problemas encontrados são as dificuldades de leitura e escrita.

“X”, por sua vez, diz que os problemas estão na casa dos alunos, porque devido alguns pais serem analfabetos, não dão a assistência necessária nas atividades que os alunos

levam para fazer em casa, ao contrário de outros que fazem ou pedem para alguém fazer as tarefas no lugar dos alunos, só para que estes as apresentem para o professor.

Já o problema que "Z" apresenta é a turma numerosa, o que acaba inviabilizando, de certa forma, um acompanhamento mais sistemático.

Na terceira questão, fazendo referência à segunda, perguntava de que forma o professor procurava solucionar esses problemas e quais os resultados obtidos. Cada um deu uma resposta diferente.

Para "X", a forma de solucionar esses problemas é conversando com os pais para que eles incentivem seus filhos a participarem das aulas e atividades de casa, pois muitos pais acham que isso é uma obrigação apenas da escola.

"Y" procura solucionar os problemas privilegiando a diversidade textual.

Já "K" acha que o trabalho com projetos é a maneira mais rápida e eficaz para que os alunos se desenvolvam.

Por sua vez, "Z" tenta suprir os problemas utilizando atividades em que possam ir de encontro a todos os alunos, ou seja, promover atividades específicas para cada nível.

Porém quando se foi perguntado aos professores se estes acham que seria necessário mudar alguma coisa na sua relação com os alunos para que o processo de ensino-aprendizagem seja mais satisfatório, somente "Y" disse que não seria necessário mudar o relacionamento professor-aluno, mas, com relação ao tempo dedicado ao planejamento.

"Z" diz que precisa ter mais compreensão em relação às dificuldades encontradas em cada aluno, passando a considerar que são próprias de cada nível.

Cunha (1991), complementa essa questão afirmando que:

Um professor que acredita nas potencialidades do seu aluno, que estar preocupado com sua aprendizagem e com seu nível de satisfação, exerce práticas de sala de aula de acordo com essa posição. E isto é também relação professor-aluno. (CUNHA,1991. p. 147).

Ainda sobre essa pergunta do questionário, "X" também concorda que deve haver mudança, a começar por sua prática no sentido de entender e suprir algumas necessidades de seus alunos para que, dessa forma, aconteça uma melhor relação e uma aprendizagem mais satisfatória.

Uma das maneiras encontradas para que isso aconteça é através da reflexão, pois de acordo com Freire (1996. p.39) "é pensando criticamente a prática de hoje e de ontem que se pode melhorar a próxima prática."

Complementando essa questão, "K" afirma que em qualquer relação, temos que estarmos sempre abertos as inovações as quais surgem, principalmente, no campo da educação.

Para concluir esse questionamento, pede-se para que os professores citassem atividades que eles realizam para desenvolver a relação professor-aluno.

"X" não citou o nome de nenhuma atividade. Disse apenas que essas devem contribuir para que aconteça a socialização entre o professor e os alunos.

"Z" citou, somente, dinâmicas em que haja a cooperação e a união entre o professor e os alunos em um só objetivo.

"K" relatou três atividades. Foram elas: conversas informais, brincadeiras diversificadas e a integração com a família.

Porém, "Y" foi quem descreveu mais atividades citando: roda de conversa, dinâmicas, hora da novidade, leituras compartilhadas, jogos/brincadeiras e atividades musicais.

Diante das respostas dos professores, percebe-se que os problemas os quais afetam a aprendizagem dos alunos são diversificados, mas que apesar destes, os professores procuram manter uma boa relação com seus alunos e suprir as deficiências destes através de atividades diversificadas e da reflexão sobre as práticas. Se todas essas respostas teóricas são realmente, colocadas em prática, então a relação professor-aluno e o processo de ensino-aprendizagem não estão maus. Porém, se isso não funciona na prática, muita coisa ainda precisa melhorar.

3.5 Análise dos questionários aplicados aos alunos.

Os questionários foram aplicados aos alunos do 3º ano do ensino fundamental e tem como é a descobrir como se dá a relação destes com seu professor e quais suas opiniões e considerações sobre o processo de ensino-aprendizagem. No total, 24 alunos responderam ao questionário, o qual continha 10 questões de múltipla escolha referentes ao tema em estudo.

A primeira questão pergunta-se aos alunos se eles gostam de estudar. Somente um deles respondeu que gostava pouco e os demais, que gostavam muito de estudar.

Na segunda procur-se saber como os alunos se relacionam com a professora. Dessa vez, as respostas saíram mais diversificadas, sendo que, 13 alunos afirmaram se relacionar muito bem com a professora, 02 deles disseram que conversam pouco com ela, 01, apenas, que não conversa com esta e 08 que gostariam de conversar mais com ela.

Na pergunta seguinte, quis tomar conhecimento se os alunos gostam do jeito que a sua professora ensina. Todos responderam que gostam muito.

Logo, com a informação que iria obter com a questão acima, precisava me informar como a professora dava aulas para que possamos compreender as respostas anteriores. Nessa questão era válida mais de uma resposta, pois se imagina que a professora utiliza práticas

diversificadas e foi isso que ocorreu. Todas as alternativas foram marcadas, sendo que, 03 assinalaram a gravura em que a professora dá aula sentada no birô, 17 marcaram a imagem dela escrevendo no quadro de giz, 09 em que ela acompanha as atividades nas carteiras dos alunos, 05 em que eles vão até o birô mostrar suas atividades, 05 a figura em que a professora chama o aluno para responder as questões no quadro de giz e 07 disseram que a professora lê com eles.

A quinta questão também poderia ser marcada mais de uma alternativa, pois era para identificar qual/quais disciplina (s) os alunos gostam mais de estudar. Responderam da seguinte maneira: 09 gostam de português, 17 marcaram matemática, 06 afirmaram ser geografia, 08 assinalaram história, 08 como sendo ciências e 07 que preferem desenhar e pintar.

A pergunta seguinte fazia referência as tarefas que a professora passa para eles fazerem em casa, se estas são muitas. Com unanimidade a resposta assinalada foi "sim".

A sétima questão faz relação à anterior, pois investigava se os alunos gostam de fazer as tarefas que a professora passa. Apenas dois disseram que gostam pouco. Os demais responderam que gostam muito.

Já na pergunta seguinte, quase todos os alunos afirmaram aprender todas as coisas que sua professora ensina, sendo que dois gostaria que ela explicasse mais.

Nem todos os alunos conseguem aprender de uma mesma forma e em um mesmo espaço de tempo porque de acordo com Libâneo (1994) os alunos assimilam os conteúdos de acordo com suas disposições internas, ou seja, condições mentais.

A penúltima questão era para saber dos alunos se eles gostam de seus colegas. 01 disse não saber, 15 afirmaram que gostam de todos, 04 responderam que só gostam de alguns e 04 disseram gostar de todos apesar de às vezes ter brigas entre eles.

Por fim, procura-se saber se a professora conversava com eles. Apenas 01, diz que ela não conversa com ele, 17 disseram que sim, 06 responderam que só às vezes ela faz isso, e um dos que marcou "às vezes" também marcou que gostaria de conversar mais com ela.

Frente as respostas dos alunos, observa-se que estes estão totalmente satisfeitos com o processo de ensino-aprendizagem e com a relação da professora com estes. Percebe-se que eles têm deficiência na leitura e na escrita, já que a maioria respondeu gostar mais de matemática e não das demais disciplinas as quais exigem mais leitura e escrita.

O método de ensino utilizado pela professora pode ser considerado tradicional já que esta utiliza mais o quadro-negro e giz. Porém, os alunos gostam de aulas dinâmicas e diversificadas.

A relação entre os alunos pode ser considerada boa já que é apenas uma pequena minoria que diz brigar com, os seus colegas e sabemos que em uma sala de aula é impossível todos os alunos se relacionarem bem com os outros. Logo o professor deve procurar controlar essas desavenças conversando com eles procurando, por exemplo, mostrar que eles podem ser amigos.

Como vimos a relação professor-aluno e o processo de ensino-aprendizagem são bastante complexos e cabe a nós, professores, sabermos lidar com as dificuldades e os obstáculos existentes nestes para que nossa prática possa ser satisfatória não só no processo de ensino mas, também, para que ocorra uma aprendizagem mais eficaz entre os alunos.

3.6 ANÁLISE DO ESTÁGIO

O estágio foi realizado em uma turma do 3º ano do ensino fundamental. Neste procurou-se desenvolver atividades nas quais ocorresse uma relação professor-aluno mais satisfatória, bem como uma aprendizagem mais adequada aos níveis dos alunos.

Na primeira semana, foram trabalhadas atividades que proporcionou reflexões sobre temas como diversidade, respeito ao ser humano, a preguiça, entre outros. Serviram ainda para verificar o nível de leitura e escrita em que cada aluno se encontrava. Houve ainda uma comemoração do Dia das Crianças, a qual contribuiu bastante para que ocorresse uma maior interação entre professores e alunos e destes últimos entre si.

Na segunda semana, assim como na primeira, foi explorado bastante o conhecimento prévio que os alunos tinham sobre determinados temas como a agricultura, diferentes tipos de clima, problemas ambientais, saúde, dinheiro, entre outros, pois segundo Weisz (2002, p.42),

Se o professor não sabe nada sobre o que o que o aluno pensa a respeito do conteúdo que quer que ela aprenda, o ensino que oferece não tem “com o que dialogar”. Restará a ele atuar como numa brincadeira de cabra-cega, tateando e fazendo sua parte, na esperança de que o outro faça a dele: aprenda.

Por essa razão foi que houve a necessidade de explorar o conhecimento prévio dos alunos. Foram praticadas ainda, atividades coletivas e individuais. Porém, nessa semana só houveram dois dias de aula devido a alguns feriados.

Na terceira semana procurou-se desenvolver atividades que explorassem a lógica, o raciocínio, a atenção, a associação e a reflexão dos alunos para que desse modo pudesse conhecer um pouco mais as potencialidades psíquicas que cada aluno disponibilizava, dando continuidade a alguns dos temas trabalhados na semana anterior.

Na quarta semana, ou seja, a última foi reforçado o trabalho de atividades dinâmicas, valorizando a produção textual, conhecimento das quatro operações matemáticas, os diferentes tipos de vegetação, convívio escolar, o corpo humano, etc., as quais também contribuíram para o desenvolvimento das potencialidades acima citadas.

Alguns contratemos e obstáculos atrapalharam o desenvolvimento do estágio, sendo eles: a falta de carteira para os alunos se sentarem, o reduzido espaço da sala de aula, a falta de recursos pedagógicos da escola (livros didáticos, sala de vídeo, etc.), espaço para atividades recreativas, falta de material escolar entre os alunos, uma vez que esses pertencem à classe mais humilde da população, falta de acompanhamento por parte de alguns pais, indisciplinas dos alunos, etc.

Contudo, percebeu-se que, os alunos estão em níveis de aprendizagem diferentes, uma vez que as idades e as disponibilidades psíquicas e sociais destes são diferenciadas. Logo, necessitou-se de atendimento individualizado para alguns alunos. As atividades mais dinâmicas proporcionaram melhores resultados do que as consideradas “tradicional”, assim como as atividades coletivas também atingiram melhor os objetivos almejados na realização do estágio.

Além disso, pode-se dizer que ocorreu uma relação muito boa entre professor e aluno e que o processo de ensino-aprendizagem também “rendeu bons frutos”, já que se procurou trabalhar atividades que desenvolvessem as potencialidades de cada aluno respeitando estas e o tempo necessário para que essa aprendizagem pudesse se concretizar com sucesso entre estes, pois segundo WEISZ (2002, p. 45), “O fato de acreditar que os alunos pensam, que são capazes, é fundamental para que eles progridam, pois nos leva a respeitá-los e apoiá-los.”

Enfim, o estágio foi uma experiência muito boa já que foi um pequeno ensaio da profissão a qual irei exercer. Este contribuiu bastante para a minha formação docente, pois a partir dele foi que passei a me sentir professora, já que até o momento sentia-me um pouco distante dessa realidade por nunca ter atuado como tal em uma sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base, teoricamente, no tema em estudo e, praticamente, na realização do estágio, pode-se concluir que a relação professor-aluno é bastante complexa, pois esta além do processo de ensino-aprendizagem propriamente dito, requer do professor outras habilidades como a resolução de problemas entre os alunos, domínio de turma, entre outras coisas.

Pode-se constatar ainda, que algumas teorias estudadas nesse trabalho realmente são necessárias sua aplicação em sala de aula. Outras, porém tornam-se um pouco difícil de serem aplicadas devido a diversos fatores que acabam interferindo nesse processo, desde os internos (predisposição psíquicas dos alunos) até os externos (sociais, culturais, econômicos, familiares, etc.).

O método construtivista foi o mais eficiente na concretização das teorias até então estudadas já que este faz do aluno o sujeito de sua própria formação levando-o a participar mais ativamente das aulas, ao contrário do método tradicional, o qual torna o educando um sujeito passivo fazendo do professor o principal agente do processo de ensino-aprendizagem.

A exploração do conhecimento prévio do aluno pode ser o primeiro passo para o desenvolvimento de uma aprendizagem mais satisfatória, já que a partir dele é que poderão ser contatadas algumas necessidades do aluno com relação ao tema trabalhado em sala de aula. Mas para que o professor possa suprir essas deficiências, ele precisa está sempre se atualizado e inovando sua prática de acordo com os avanços ocorridos na sociedade.

A relação professor-aluno é mais prazerosa quando, realmente, há o diálogo entre estes, apesar de alguns alunos serem tímidos e “fechados”, preferindo ficarem calados na carteira. Porém, houve tentativas de quebra dessa barreira. Em alguns alunos ela foi quebrada, já para outros ela não se rompeu totalmente, mas ocorreu uma pequena evolução com relação a isso.

Constatou-se que o atendimento individual é necessário para alguns alunos já que cada um tem uma disponibilidade diferente para aprender. Logo, a avaliação também foi diferenciada. No entanto, o respeito dado aos alunos foi o mesmo assim como Freire defende em sua teoria.

Portanto, a relação professor-aluno e o processo de ensino-aprendizagem só serão satisfatórios se o professor souber tornar o aluno seu parceiro nesse processo contribuindo para que esse se construa um cidadão reflexivo e consciente, apto a atuar de forma mais justa e digna dentro da sociedade.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Júlio Groppa. **Erro e Fracasso na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo. Summus, 1999.

CASTRO, Gilda de. **Relação professor/aluno na escola brasileira**. In: **Professor submisso-aluno-cliente: reflexões sobre a docência no Brasil**. DR&A, 2003. p.81-101.

CORDEIRO, Jaime. **Didática**. São Paulo. Contexto, 2007.

CUNHA, Maria Isabel da. **A relação professor-aluno**. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (Org.). **Repensando a Didática**. 5 ed. Campinas, SP. Papirus, 1991. p. 145-157.

DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2004.

FONTANA, D. **Aprendizado**. In: **Psicologia para professores**. Trad. Cecília Camargo Bartabotti. Edições Loyola, São Paulo. Brasil, 1998. p. 155-193.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 14 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1999.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis: prefácio de Paulo Freire**. São Paulo. Cortez. Instituto Paulo Freire, 1998.

_____. **Perspectivas Atuais da Educação**. In: **Perspectivas Atuais da Educação**. Artes Médicas, 2000. p. 1-6.

KULLOK, Maisa Gomes Brandão (org.). **Relação professor-aluno: contribuição prática pedagógica**. Macció. EDUFAL, 2002.

LIBÁNEO, José Carlos. A aula como forma de organização do ensino. In: **Didática**. São Paulo. Cortez, 1994. (Coleção Magistério. 2º grau. Série Formação do Professor). p. 177-193.

_____. Os métodos de ensino. In: **Didática**. São Paulo. Cortez, 1994. (Coleção Magistério. 2º grau. Série Formação do Professor). p. 149-173.

_____. Os objetivos de ensino. In: **Didática**. São Paulo. Cortez, 1994. (Coleção Magistério. 2º grau. Série Formação do Professor). p. 119-145.

_____. Relação professor-aluno na sala de aula. In: **Didática**. São Paulo. Cortez, 1994. (Coleção Magistério. 2º grau. Série Formação do Professor). p. 24-253.

LOPES, Antônia Osima. Aula expositiva: superando a tradicional. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (Org.) **Repensando a Didática**. 5ª ed. Campinas, SP. Papirus, 1991. p.35-47.

_____. Planejamento do ensino numa perspectiva crítica de educação. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (Org.). **Repensando a Didática**. 5. ed. Campinas, SP. Papirus, 1991. p.65-81.

MATOS, Kelma Socorro Lopes. **Pesquisa Educacional: o prazer de conhecer**. Fortaleza. Ed. Demócrito Rocha. UECE, 2001.

MIZUKASMI, Maria da Graça Nicoletti. Abordagem tradicional. In: **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo. EPV, 1986. (Temas básicos para educação e ensino). P. 7-18.

_____. Abordagem sociocultural. In: **Ensino: abordagens do processo**. São Paulo. EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino). P. 85-103.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz.** Trad. Gilmar Saint Clair Ribeiro. Loyola. SP. 3.ED.2001

OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. A pesquisa em didática no Brasil – da tecnologia do ensino à teoria pedagógica. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org.). **Didática e Formação de Professores: percursos a perspectivas no Brasil e em Portugal.** São Paulo. Cortez, 1997. p.131-153.

PERRNOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar.** Trd. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre. Artes Médicas Sul, 2000.

PEROMM NETTO, Samuel. **Psicologia da aprendizagem e do ensino.** São Paulo. EPU. Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

RAYS, Oswaldo Alonso. A questão da metodologia do ensino na didática escolar. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (Org.). **Repensando a Didática.** 5. ed. Campinas, SP. Papyrus, 1991.p.83-95.

ROMÃO, José Eustáquio. Alfabetização para libertar. In: GADOTTI, Moacir. e TORRES, Carlos A. (Orgs.). **Educação popular: utopia latino-americana.** São Paulo. Cortez, 1995. p.219-236.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem.** Petrópolis, RJ. Vozes, 1994

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** apresentação dos temas transversais, ética. Brasília. MEC/SEF, 1997.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília. MEC/SEF, 1997.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. A construção da didática numa perspectiva histórico-crítico de educação: estudo introdutório. In: OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. (Org.). Didática: ruptura, compromisso e pesquisa. Campinas, SP. Papyrus, 1993. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico). P.79-96.

WEISZ, Telma. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. 2ª ed. São Paulo. Ática, 2002.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAIBA

GESTOR

NOME:

IDADE:

TEMPO QUE TRABALHA EM EDUCAÇÃO:

FORMAÇÃO:

QUESTÕES:

1. O Sr. Acha que o trabalho desenvolvido pelos professores, daqui da E.M.E.I.E.F. Vitória Bezerra, são apropriados para que o processo de ensino-aprendizagem satisfatório?
2. Os professores que aqui trabalham têm formação continuada? Aqueles que têm essa formação conseguem relaciona-la com sua prática?
3. Como os professores relatam ser sua relação com os alunos e o processo de ensino-aprendizagem entre estes?
4. Nas reuniões e nos planejamentos realizados na escola, o Sr. Discute sobre como deve ser essa relação entre professor e os alunos e o processo de ensino-aprendizagem entre os mesmos?
5. O Sr. Dá alguma sugestão aos professores de como deve ser essa relação entre eles e os alunos no processo de ensino-aprendizagem?

PROFESSOR

NOME:

IDADE:

TEMPO QUE TRABALHA EM EDUCAÇÃO:

FORMAÇÃO:

QUESTÕES:

1. Como você avalia sua relação com os alunos? Por quê?
2. Existem problemas os quais afetam a aprendizagem de seus alunos? Quais?
3. De que forma você procura solucionar esses problemas e quais os resultados obtidos?
4. Você acha que seria necessário mudar alguma coisa na sua relação com os alunos para que o processo de ensino-aprendizagem seja mais satisfatório?
5. Cite atividades que você realiza para desenvolver a relação professor-aluno.

ALUNO

NOME: _____

IDADE: _____

SÉRIE: _____

QUESTÕES:

1. Você gosta de estudar?

- Muito;
- Pouco;
- Não gosto.

2. Como você se relaciona com sua professora

- Muito bem;
- Converso pouco com ela;
- Não converso com ela;
- Gostaria de conversar mais com ela.

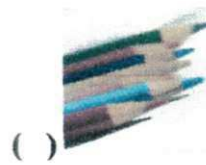
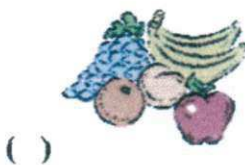
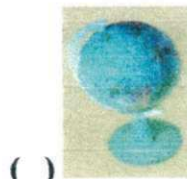
3. Você gosta do jeito que sua professora ensina?

- Gosto muito;
- Gosto pouco;
- Não sei;
- Ele poderia ser melhor.

4. Como sua professora dar aula?



5. Qual a matéria que você mais gosta de estudar?



6. Sua professora passa muitas tarefas para você fazer na sala de aula e em casa?



7. Você gosta de fazer as tarefas que sua professora passa para você fazer?

Gosto muito;

Gosto pouco;

Não gosto;

Não sei dizer.

8. Você consegue aprender as coisas que a sua professora ensina?

Sim!

Às vezes;

Não!

Gostaria que ela explicasse mais.

9. Você gosta de seus colegas?

Sim! De todos.

Sim! De alguns.

Não sei.

Sim! Mas às vezes têm brigas.

10. sua professora conversa com você?

Sim!

Não!

Às vezes!

Gostaria que ela conversasse mais com os alunos.